



“Chiquinho e seus amigos fizeram uma reunião e decidiram que precisavam correr mais rápido, contar pra todo mundo que os bichos falavam; que as árvores choravam e que isso não era coisa de menino.

E Chiquinho dizia:

– A floresta é a própria casa da gente. A comida, a cama, o passeio, a fé. Se acabarem com a floresta, onde a gente vai morar? A floresta tem gente. Não pode acabar. Nós vamos lutar!”

Apoio cultural:

GDF JVEZ

SESC
RIO DE JANEIRO

SISTEMA
FECOMÉRCIO RJ
RECUPERAÇÃO URBANA

 CEG

 gasNatural

CEG RIO

Idealização
ELENIRA MENDES

Texto
WALQUÍRIA RAIZER

Colaboração
CHARLENE CARVALHO

Ilustrações
FERRETH
E VANDERLEI SOARES

INSTITUTO CHICO MENDES • *Ziada*
apresentam

A HISTÓRIA DE CHIQUEINHO



A HISTÓRIA DE CHIQUEINHO

Idealização de
Elenira Mendes

Texto de
Walquíria Raizer
Colaboração
Charlene Carvalho

Ilustrações:
Ferreth & Vanderlei Soares

Supervisão:
Ziraldo

Realização:



Aos jovens do futuro
Francisca Angélica,
João Gabriel
e Maria Luísa

Agradecimentos a Jorge Viana, Dolores Nieto, Comitê Chico Mendes, Ilzamar Mendes, Sandino Mendes, Angela Mendes, Charlene Carvalho, Tiago Juruá, Wagner San, Clenio Monteiro, Davi Cunha, Zivaldo, Walquiria Raizer, Ferreth, Vanderlei Soares, Alberto Bardawil, Miguel Mendes e a turma do Estúdio Megatério.

Francisco Alves Mendes Filho, o “Chico Mendes”, nasceu no dia 15 de dezembro de 1944 no seringal Porto Rico, no município de Xapuri, estado do Acre. Filho de seringueiro, aos onze anos de idade já trabalhava ao lado do pai no corte da seringa. Aprendeu a ler e a escrever aos 18 anos. Iniciou sua luta em defesa dos povos da floresta, na década de 70, no movimento social, participando da luta dos seringueiros pela posse da terra na Amazônia. No início da década de 80, foi eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri e primeiro presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros.

Sua luta pela preservação da Amazônia e de seu povo tornou-o símbolo da causa ambiental em todo mundo, tendo sido premiado em 1987 com o Global 500, premiação concedida pela ONU às pessoas que se destacam na defesa do meio ambiente, além de outros prêmios e condecorações.

No entanto, para algumas pessoas, as ideias de Chico Mendes eram vistas como entrave ao desenvolvimento da região, desenvolvimento este baseado no desmatamento e na expulsão dos seringueiros.

Depois de receber uma série de ameaças, Chico Mendes foi assassinado no dia 22 de dezembro de 1988 em sua casa em Xapuri, na presença de sua mulher e seus dois filhos Sandino e Elenira.

Chico Mendes viveu, lutou e morreu em defesa da vida, sonhando, um dia, ver o homem convivendo novamente em harmonia com a floresta e em paz com a Mãe Natureza.

Projeto Gráfico:
 Estúdio Megatério / Fábio Ferreira
www.megaterio.com.br

1ª edição: janeiro de 2009

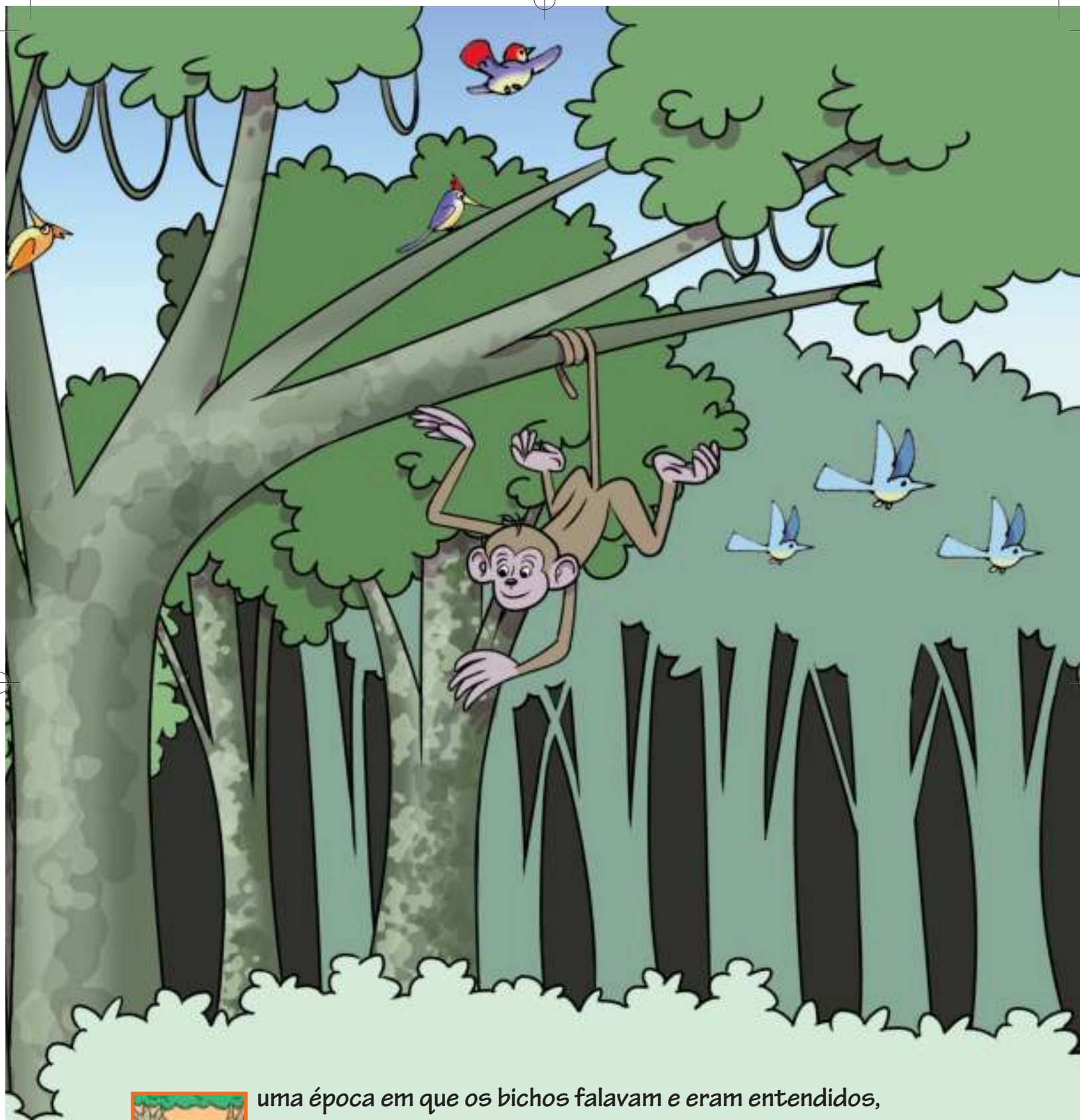
Na grande Floresta Amazônica, havia um menino chamado Francisco Alves Mendes Filho. As pessoas o chamavam carinhosamente de Chico. O menino Chico era filho de seringueiro e, quando criança, muito pequenino já ajudava seu pai no trabalho. Muitas vezes tinha que levantar muito cedo da cama, quase de madrugada, e caminhar longas distâncias para ajudar seu pai a cortar seringueiras na floresta.

Os anos se passaram e o menino Chico... Jovem Chico... Agora é um homem, um homem da floresta. De menino, Chico passa a se chamar Chico Mendes. E agora que o menino trabalhador passava a ser um homem trabalhador, também precisava de muita ajuda pra fazer seu trabalho. Adivinha qual era o seu trabalho? Chico Mendes, o homem da floresta, que trabalhava na floresta, se tornou também protetor dela, da Floresta Amazônica. Como a poronga que ilumina as estradas de seringa na mata, Chico Mendes apontou novos caminhos para os movimentos populares do Brasil e do mundo.

Meninos e meninas de todos os lugares do nosso mundo – o menino Chico, o jovem Chico e o homem Chico era meu pai e sonho muito que todas as crianças possam conhecer a história dele, de um jeitinho bem natural. As aventuras, cores, desenhos, magias e amigos são os encantos dessa história de luta e de sonhos. Desejo uma ótima leitura a todos com a intenção de que o menino Chiquinho e sua turma conquistem cada vez mais amigos na defesa da floresta e de todos os seus seres, na intenção de construirmos um mundo melhor. Muito obrigada.

Elenira Gadelha Bezerra Mendes
Presidente do Instituto Chico Mendes





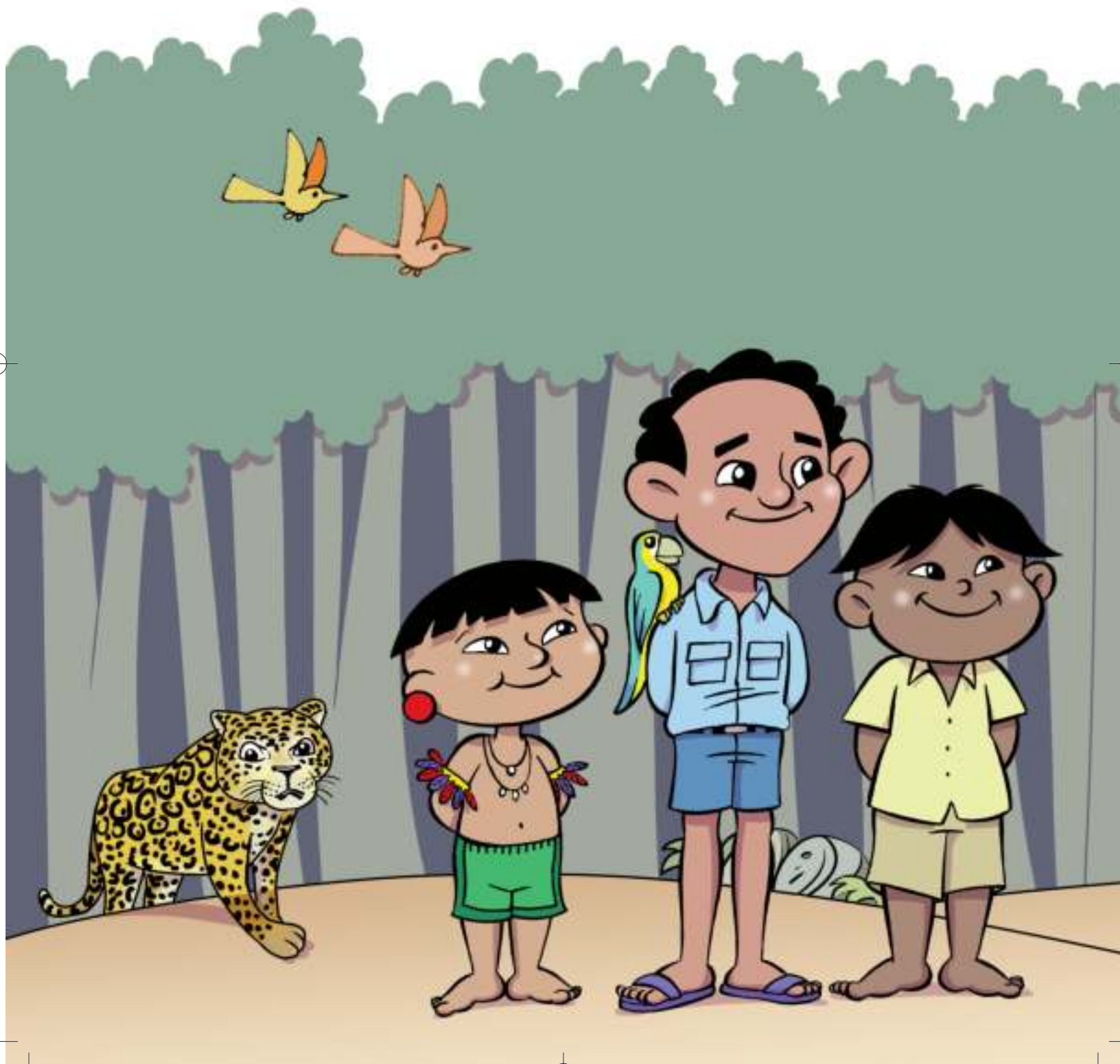
uma época em que os bichos falavam e eram entendidos,
na sua língua mesmo, sem tradução, havia uma imensa floresta.
Nela moravam todos os bichos, que falavam e escutavam.
As árvores também falavam.

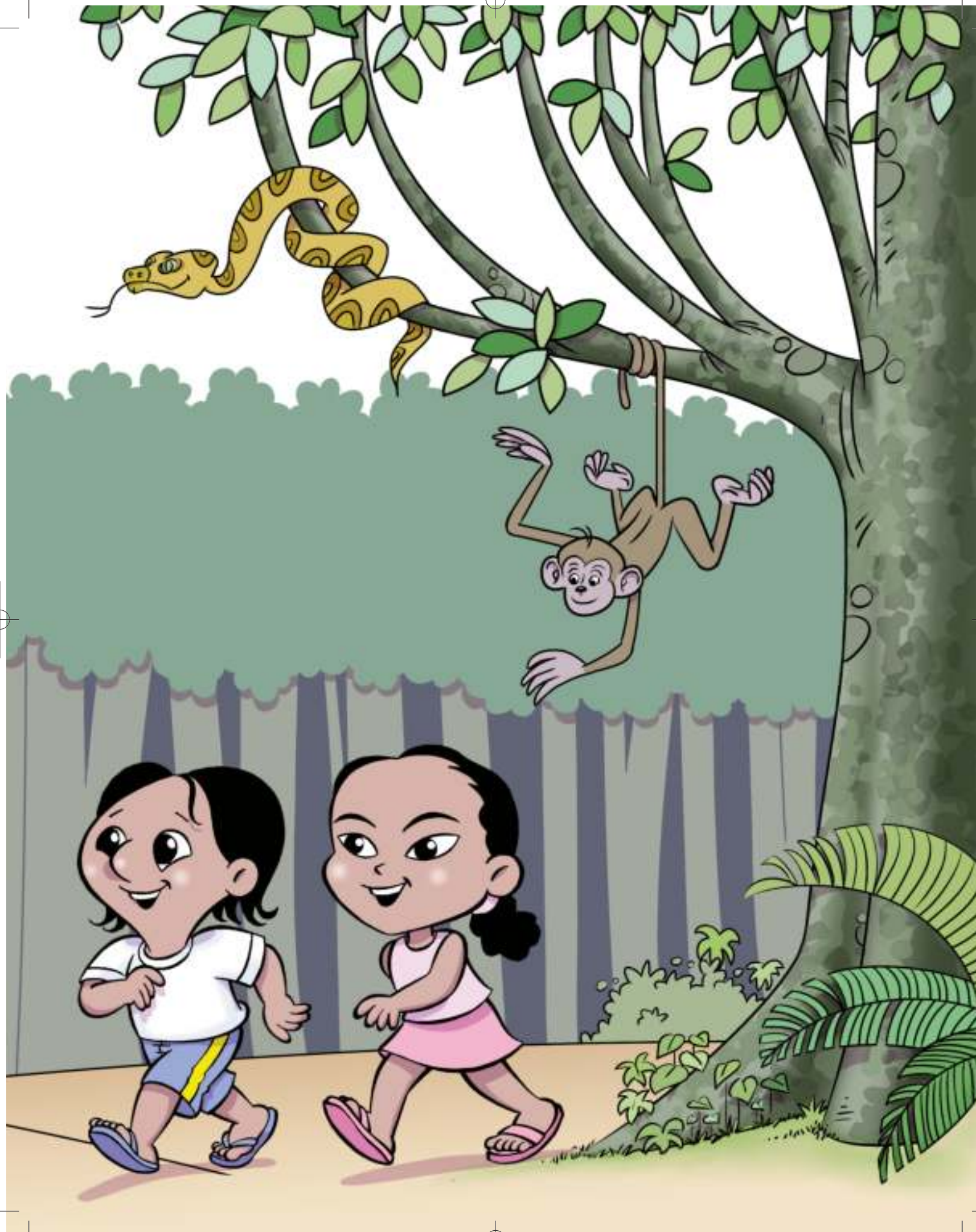


essa floresta viviam também uns meninos, uns meninos gente, índios meninos, amigos dos bichos meninos.

Depois, foram chegando outros, de outras terras distantes, e tudo continuava bem.

Tempos e tempos depois, um dos meninos, entre tantos meninos, foi pra outra cidade, que era longe, muito longe dos meninos.







a outra cidade, todo mundo era muito adulto, como se já tivessem nascido todos grandes e não se lembrassem de como era ser menino.

Nosso menino não era nada de muito extraordinário. Não tinha uma capa colorida, não ficava invisível nem nada. Muitos achavam até que era bobo. Mais um bobo de um menino!

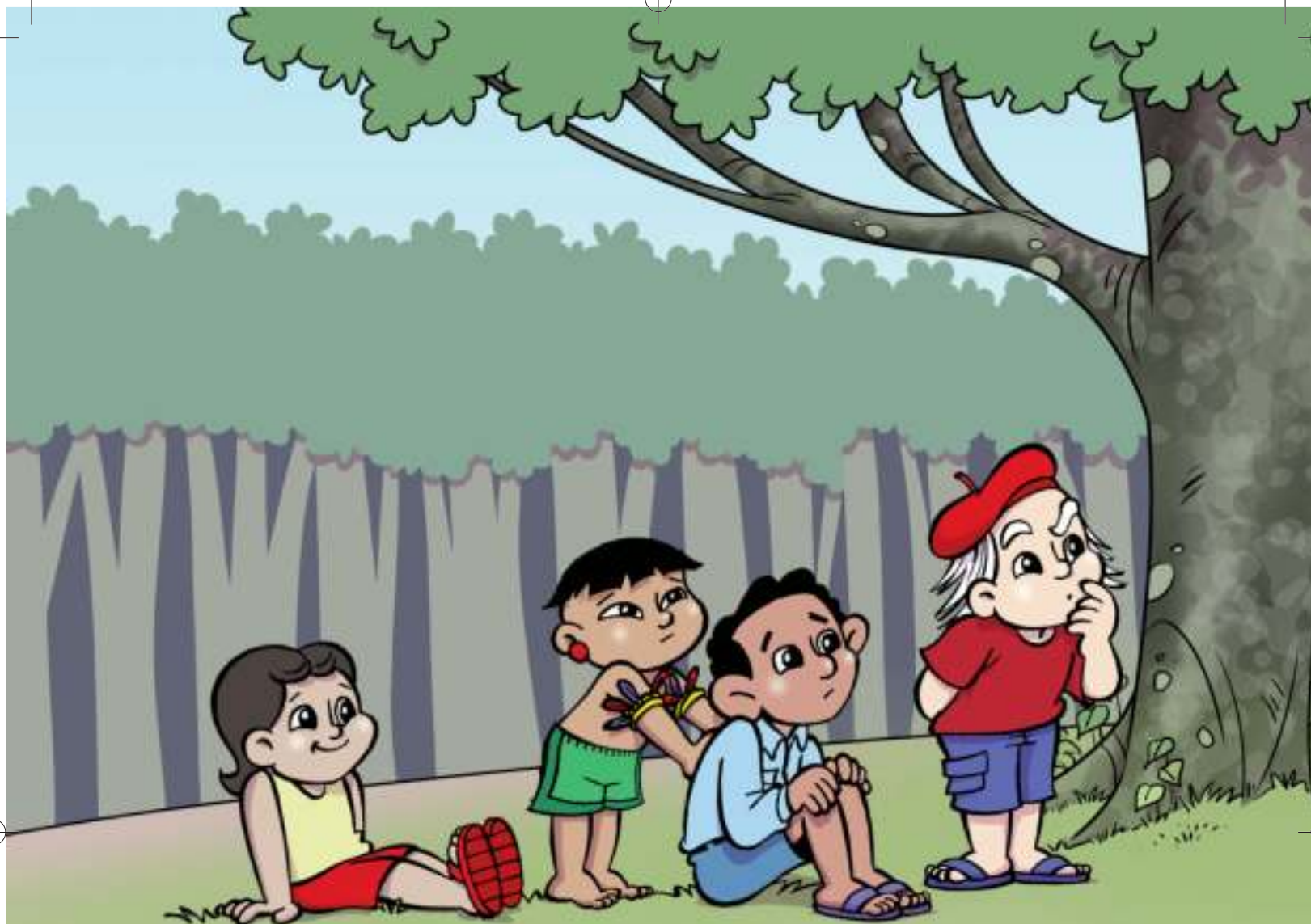


Mas o menino, que parecia meio bobo, achou muito mais bobo ainda que alguém fosse adulto sem ter sido menino.

Tentou explicar que ser pequeno era muito bom. Tão bom que, quando grande, quem foi pequeno não esquecia como era.

Alguns adultos acreditaram no menino. Outros não.





menino voltou pra casa e reuniu meninos e meninas.

Sentaram-se todos embaixo de uma árvore e o menino, que se chamava Chiquinho, contou:

– Achei tudo muito legal, mas tem coisas muito estranhas. Vocês acreditam que tem gente que não acredita que os bichos falam? Tem uns que até acreditam que falam, mas entender, entender que é bom, não entendem é nadinha.

Aí, falou o menino Raimundo:

– E como que eles fazem, então? Se eles não entendem os bichos, eles entendem as pessoas?

E falou o outro menino, que se chamava Lhé:

– É claro que não, Raimundo. Larga de ser abestado!



Chiquinho estava muito preocupado. Achava que perigava chegar um dia que ninguém ia entender os bichos na língua dos bichos. Que o desentendimento iria se alastrar.

Mas, na terra de Chiquinho, havia uma coisa que a diferenciava de todas as terras: a crença.

A crença nos rios, nas plantas, nas flores, nos bichos, nos meninos e nas falas. Havia crença.

As meninas e os meninos, amigos de Chiquinho, acharam que ele estava muito, muito certo. Que essa coisa de não entender os bichos, na língua dos bichos, era muito, muito ruim.



a cidade do Chiquinho havia também adultos que não foram meninos. Que não entendiam nada de bicho.

Mas, nessa cidade, diferente das outras, tinha os meninos – os amigos de Chiquinho!

Os adultos que não foram meninos, por não ouvirem as vozes dos bichos, das flores, das águas, não respeitavam nada.

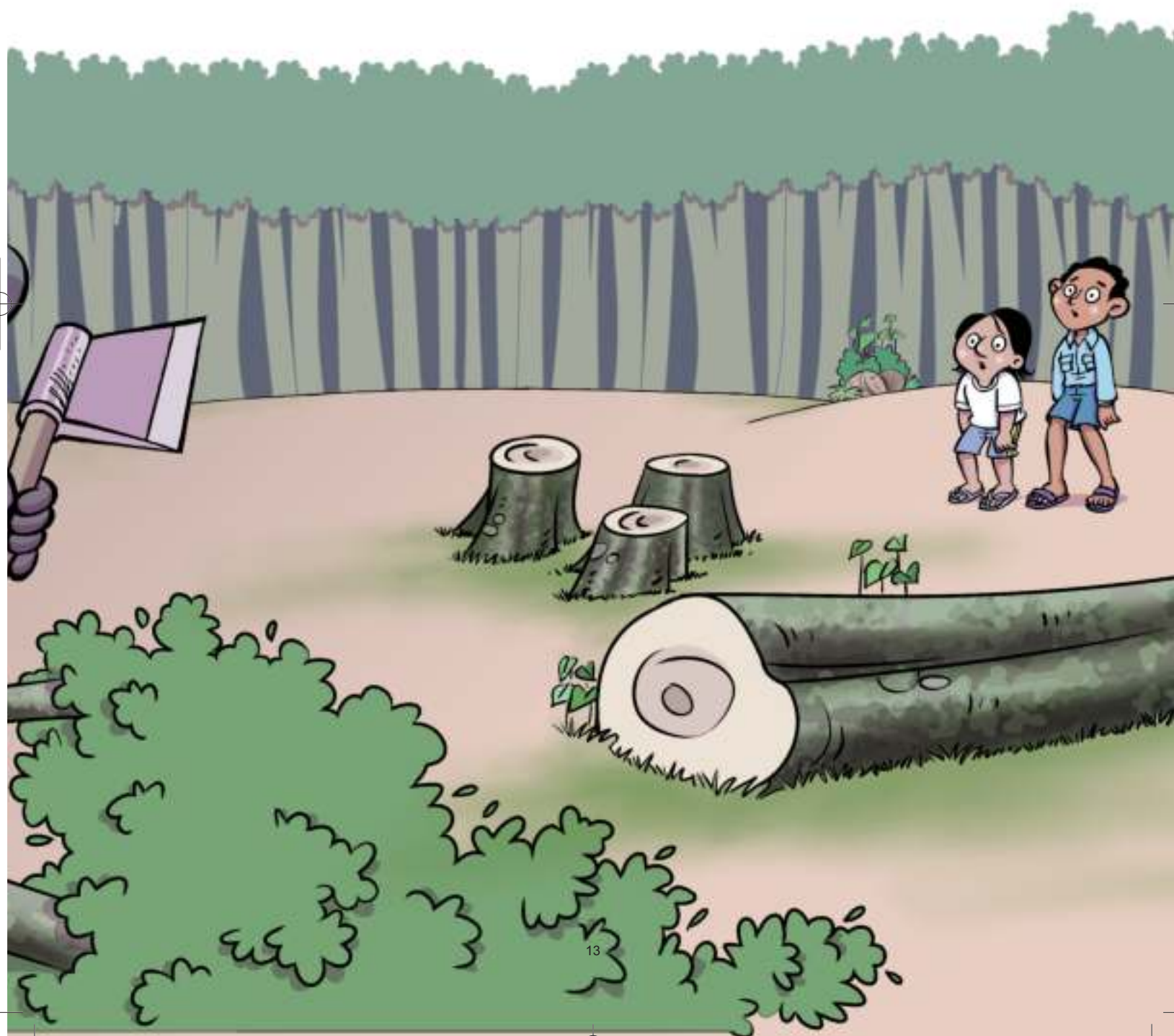
Olhavam o mundo como se não o visse. O mundo estava ali, diante deles, mas eles não viam, não ouviam.



Certa vez, Chiquinho e seu amigo Raimundo foram dar um passeio. Voltaram abismados.

Os adultos que não foram meninos estavam cortando as árvores.

Esses adultos percebiam que as árvores davam dinheiro, mas o que eles não percebiam é que, pra elas darem dinheiro, não precisavam estar mortas.





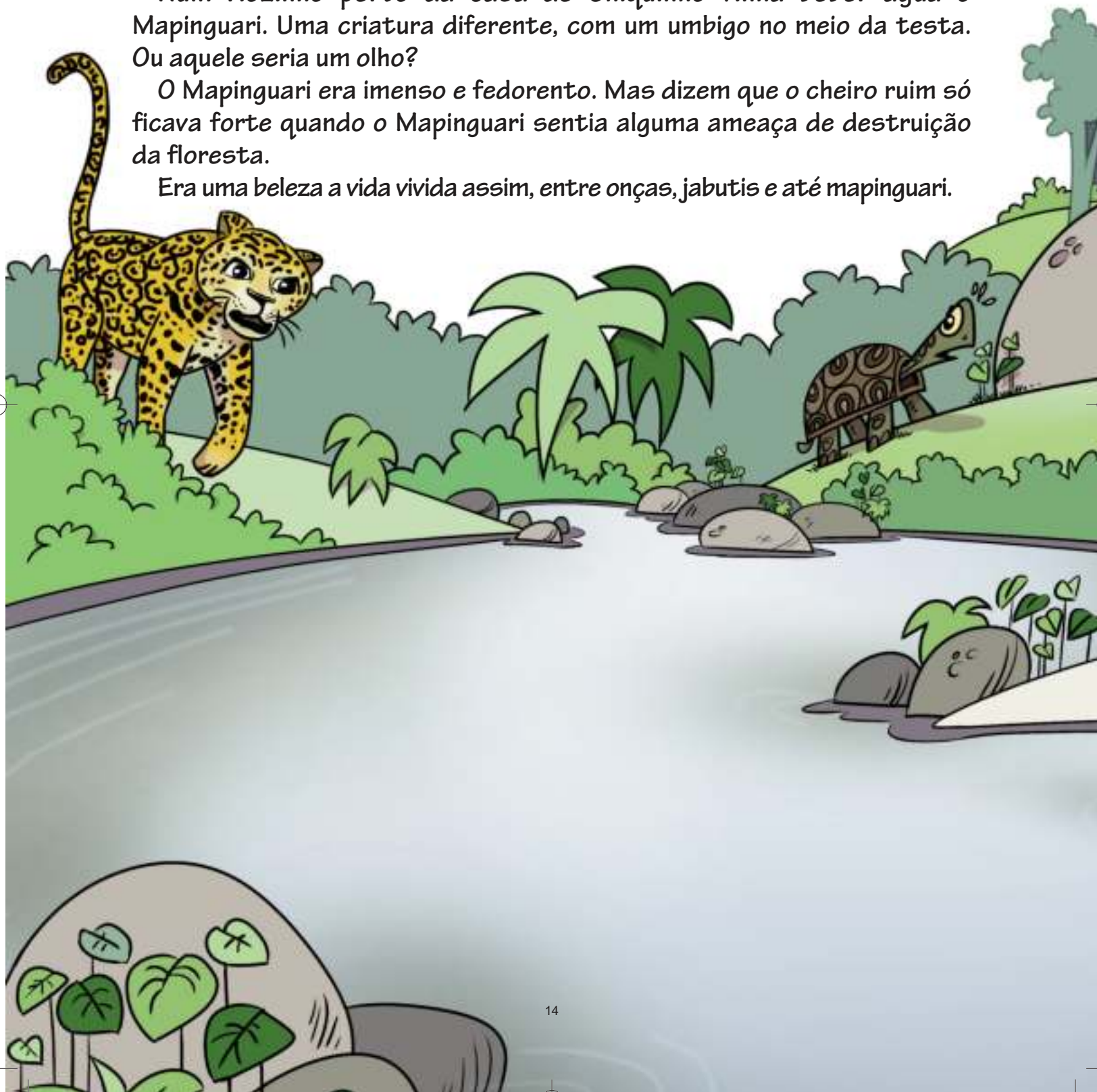
hiquinho e seus amigos foram crescendo mas, como foram meninos, não deixaram de escutar o rebuliço das folhas, a conversa dos bichos...

Conversa de jabuti então, era uma lerdeza. Dona onça esturrava, mas pegar mesmo, só com muita fome.

Num riozinho perto da casa de Chiquinho vinha beber água o Mapinguari. Uma criatura diferente, com um umbigo no meio da testa. Ou aquele seria um olho?

O Mapinguari era imenso e fedorento. Mas dizem que o cheiro ruim só ficava forte quando o Mapinguari sentia alguma ameaça de destruição da floresta.

Era uma beleza a vida vivida assim, entre onças, jabutis e até mapinguari.







Quando os meninos cresciam, mais e mais adultos que não foram meninos iam chegando.

Já eram muitos os que eram adultos sem ter sido meninos.

A floresta começou a não ser mais entendida.

Os adultos que já nasceram adultos não tinham sabedoria de menino.

Um dia, Chiquinho conheceu um adulto que se lembrava como era ser menino. Um adulto chamado Euclides Távora.

Com esse adulto, Chiquinho aprendeu a ler e escrever. E também sobre a importância de se organizar. Sobre se reunir com os amigos que tem um mesmo ideal e lutar por esse ideal.

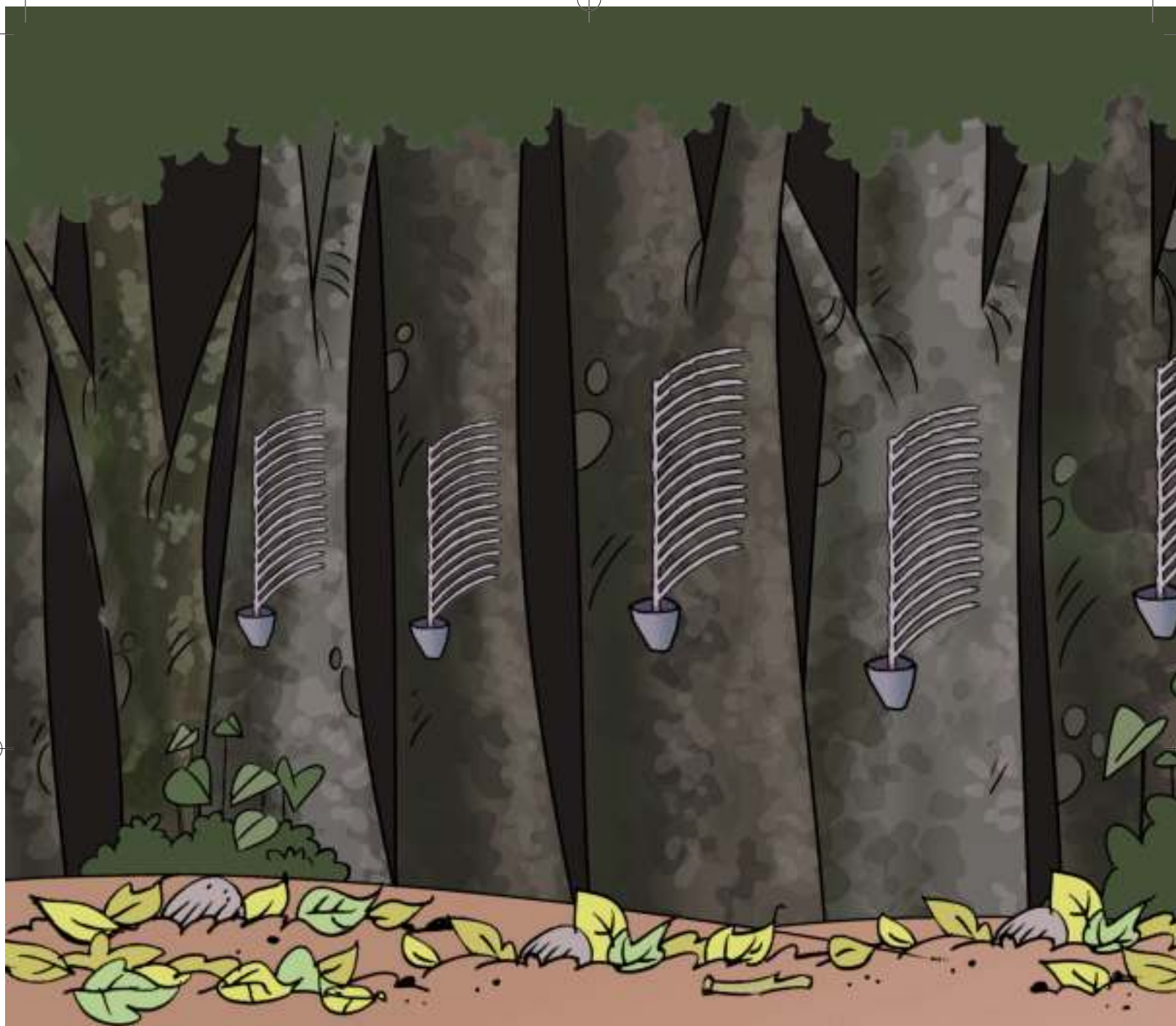


Os adultos que não foram meninos começaram a desconfiar que a organização dos meninos podia, era atrapalhar.

Chiquinho e os outros meninos, além de entenderem a língua dos bichos, tinham crença. Continuaram.

Wilson, Higino, Lhé, Marina, Raimundo e Chiquinho continuaram na luta. Reunião, reunião...





esse tempo, as árvores continuavam a contar suas histórias. Tinha uma seringueira grande, bem grande, que diziam que chorava.

A seringueira é uma árvore mágica! Ela tem sangue. Mas é um sangue branco. O sangue fica todo dentro dela. Como na gente. Só que o nosso sangue é vermelho.

O sangue dela é tão mágico, tão mágico que, colocado na fumaça, vira borracha.

A seringueira não se importa que se faça do sangue dela borracha. Até acha bonito.



O seringueiro, que colhe o sangue branco pra virar borracha, acorda cedo, antes mesmo do sol. Quando o sol se espreguiça, o seringueiro já está é voltando.

Os seringueiros, pra não esperarem o tempo de sono do sol, colocam na cabeça um tipo de lanterna que não precisa segurar com as mãos: a poronga. Então, eles podem andar pelas estradas de seringa com as mãos livres.

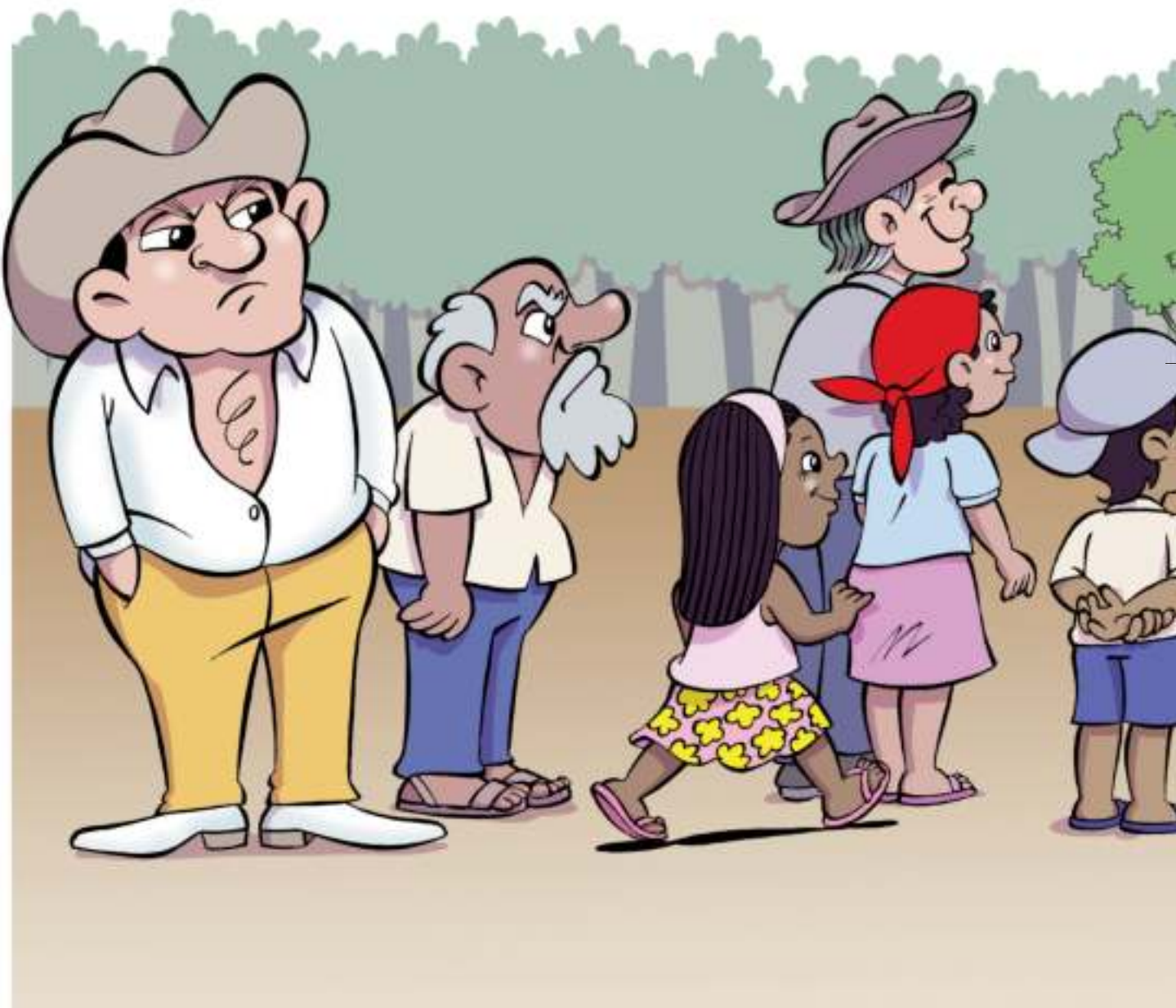


hiquinho e seus amigos fizeram uma reunião e decidiram que precisavam correr mais rápido, contar pra todo mundo que os bichos falavam; que as árvores choravam e que isso não era coisa de menino.

E Chiquinho dizia:

– A floresta é a própria casa da gente. A comida, a cama, o passeio, a fé. Se acabarem com a floresta, onde a gente vai morar?

A floresta tem gente. Não pode acabar. Nós vamos lutar!



Os adultos que não foram meninos não queriam saber de história de gente na floresta. Do mesmo jeito que não queriam saber de floresta. Eles não ouviam nada. Como nunca tinham sido meninos, não sabiam escutar, não sabiam ouvir com o coração. Pra eles, a floresta só podia dar dinheiro morta. Não entendiam que podia ser riqueza viva, pra sempre.

Chiquinho foi nomeado pelos outros adultos-meninos a ir pra todas as cidades e convidar outros tantos meninos pra ajudar nessa causa: a causa dos povos da floresta.





Chiquinho conheceu uma antropóloga, pessoa muito estudada, que se lembrava como era ser menina. Chamava-se Mary. Mary começou a escrever pros seus amigos sobre os amigos de Chiquinho.

E os amigos de Chiquinho lutavam, mas não lutavam com as mesmas armas dos adultos que não foram meninos. Às vezes eles queriam usar as mesmas armas também, mas não era disso que a luta era feita. As armas tinham que ser diferentes.



Chiquinho sabia ouvir com o ouvido do
coração. E o ouvido do coração lhe dizia:
- Você tem outras armas Chiquinho...
Você tem outras armas...

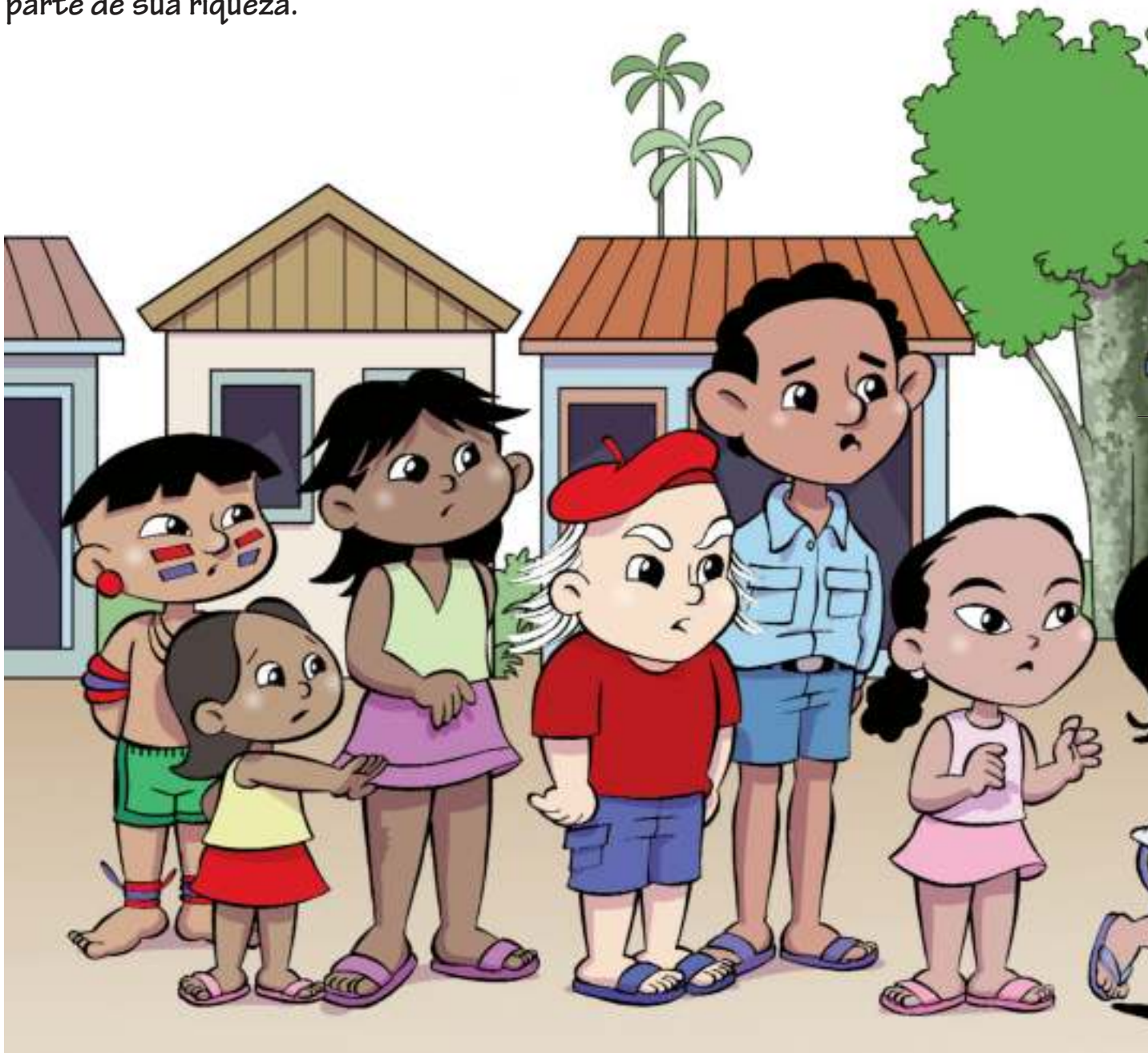




á tinha muita gente amiga de Chiquinho. Mas ele tinha muitos inimigos também. Muitos eram os que queriam ganhar dinheiro com a morte da floresta.

Chiquinho era muito corajoso, mas também tinha medo, é claro. Seu medo maior era que a floresta acabasse.

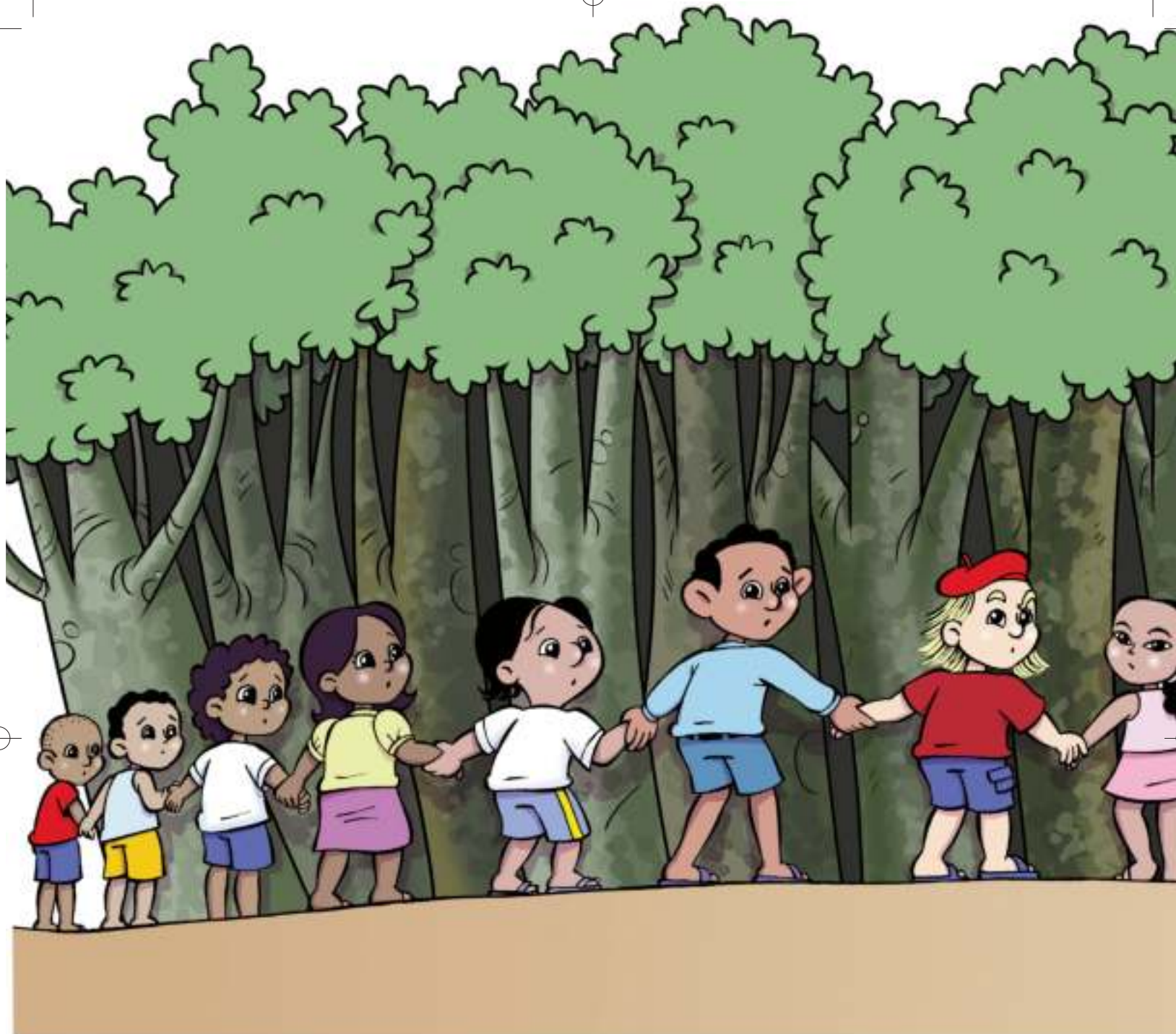
Os meninos acreditavam que, com a floresta viva, a riqueza nunca ia acabar. E que a floresta não se recusaria nunca a emprestar grande parte de sua riqueza.



Os amigos de Chiquinho tiveram a ideia de ir aonde os homens adultos – que não foram meninos – estavam e pedir pra eles pararem de derrubar a floresta.

E pediram! Mas os homens adultos – que não entediam a língua dos bichos – não entenderam também os meninos.





Chiquinho e seus amigos, no meio da floresta, ouviram o grito das árvores. Os bichos corriam assustados.

Chiquinho sentiu o seu coração bater forte. Todos estavam lá, olhando pra ele. As flores, os bichos, o Curupira, a Mãe da Mata...

Foi então que todos, num sentimento único, todos os amigos de Chiquinho deram as mãos e abraçaram as árvores.



Com esse abraço, os homens que não foram meninos foram empatados de derrubar a mata.

Os meninos, com seu abraço, empataram. E ficaram felizes, porque perceberam que eram muitos e muitos chiquinhos.



história dos empates, dos tantos chiquinhos, correu o mundo. Muitos jornais e revistas noticiaram a história dos empates dos chiquinhos.

Mas os adultos que não foram meninos não ficaram satisfeitos com os empates. E se organizaram pra impedir a ação dos chiquinhos.

Os homens que não entendiam os bichos e que não ouviam a floresta, esses homens mataram o menino Chiquinho.





Foi a morte mais triste de que já se ouviu. A morte de um homem menino.
Nesse dia, todos os rios correram mais rápido, as flores não abriram e
a seringueira, por onde o Chiquinho passava, chorou.

Foi um dia tão triste, tão triste, que tudo ficou em silêncio. No mais
completo silêncio.

Nunca houve na floresta, que era tão barulhenta, silêncio igual.





Chiquinho morreu. Mas morrer de todo já não dava. Chico Mendes está vivo. Vivo em todos os meninos e meninas adultos, que não esquecem dos seus sonhos meninos. Que estão, nesse exato momento, reunidos em algum galpão, alguma casa de paxiúba, dentro de um barco, numa escola ou num grande prédio imponente. Que estão discutindo para saber como se pode lutar para que a floresta permaneça sendo do seu povo. Pois ela é do povo!

A floresta é nossa vida e nossa história.

CONVERSA COM O LEITOR

Chico Mendes é um dos heróis do nosso tempo. A notícia de sua atuação na Amazônia, infelizmente, só chegou até nós depois de sua morte, quando a nação inteira tomou conhecimento da luta árdua daqueles que têm hoje a alcunha gloriosa de “povos da floresta”. Agrada-me poder participar da tentativa de querer tornar mais presente a sua história e a história de seus companheiros na luta pelo respeito aos direitos das populações que vivem à sombra das gigantescas árvores da Floresta Amazônica. Assim, quando Elenira Mendes pediu minha ajuda para criar, com seus amigos e os meus, esse livrinho, aceitei a honrosa missão com alegria. Convoquei, para isto, meus companheiros de profissão, de sonhos e ideais, os jovens Miguel Mendes, Vanderlei Soares, Fábio Ferreira e Ferreth, com quem tenho trabalhado ao longo de muitos anos. Aí está o resultado do nosso trabalho, concluído a partir do texto que me trouxe a talentosa acreana Walquíria Raizer. Gostei de ter supervisionado a rapaziada e fiquei muito feliz ao ver o livrinho pronto. Espero que ele ajude os amigos de Chico Mendes e seus herdeiros de luta no grande esforço de tomar nosso país mais justo. Que as crianças brasileiras amem conhecer essa bela história contada, especialmente, para elas.

